Convergências e divergências na comunicação primária e na comunicação secundária do câncer de mama

Convergences and divergences in the primary and secondary communication pertaining breast cancer

Sônia Regina Schena Bertol[1]

RESUMO

Este estudo investiga as convergências e as divergências na comunicação primária e na comunicação secundária do câncer de mama. Um esquema interpretativo fornecido pela Análise de Enquadramento, Agenda *Setting* e Teoria do Aprendizado Social, foi usado para comprovar as diferenças existentes na comunicação de novidades da Ciência, realizada por cientistas e jornalistas, através da análise de exemplares de periódicos científicos e jornalísticos que divulgam o câncer de mama. As implicações dessas diferenças entre a comunicação primária (interpares) e a comunicação secundária (público leigo), por vezes convergentes e outras divergentes são aqui discutidas, concluindo-se que a adequada comunicação da saúde se reflete no bem-estar das populações.

UNITERMOS: Comunicação da Saúde, Câncer de Mama, Análise de Enquadramento, Jornalistas e Cientistas.

ABSTRACT

This study investigates the convergences and divergences in the primary and secondary communication pertaining breast cancer. An interpretive scheme provided by the Framing Theory, Setting Agenda, and Social Learning Theory, was used to verify the existing differences in the communication of scientific novelties, as performed by scientists and journalists, through the analysis of issues of scientific and journalistic journals which publicize breast cancer information. The implications of these differences between primary (interpeer) and secondary (lay public) communication, sometimes convergent sometimes divergent, are discussed here. The conclusion is that appropriate Health Communication is reflected in the well-being of the population.

KEYWORDS: *Health Communication, Breast Cancer, Framing Theory, Journalists and Scientists.*

COMUNICAÇÃO DA SAÚDE

Novas maneiras de se olhar a saúde estão sendo reveladas, ampliando a compreensão de que esta se relaciona diretamente com o contexto físico-ambiental e a situação social-econômica-cultural do indivíduo. Assim, ao se pensar na saúde, passou-se a levar em conta aspectos mais globais, como alimentação, moradia, segurança, educação, nível socioeconômico, ecossistema, justiça social, igualdade e paz.

Dessa forma, na agenda contemporânea dos temas de saúde, fazem parte a promoção e o fomento à adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis. Afinal, a ideia presente hoje, e que sintetiza o conceito de saúde adotado pela Organização Mundial da Saúde, é de que ela é um estado de bem-estar – associado à adoção de atitudes, potencialidades e qualidades – e não à mera ausência de enfermidades. Isso reforçou a relevância dos seus programas comunicacionais como um componente fundamental e indispensável.

No contexto de crescimento da comunicação da saúde, entretanto, acreditamos que, em tempos de pesquisa patrocinada – uma realidade da qual não podemos fugir –, é sempre bom estarmos atentos aos interesses comerciais e coorporativos que se escondem por trás das informações. Nesse sentido há uma referência explícita à conduta e ética médica no que se refere à comunicação, como é apresentado no Capítulo XIII do Código de Ética Médica: "É vedado ao médico:

Art. 131 – Permitir que sua participação na divulgação de assuntos médicos, em qualquer veículo de comunicação de massa, deixe de ter caráter exclusivamente de esclarecimento e educação da coletividade.

Art. 132 – Divulgar informação sobre o assunto médico de forma sensacionalista, promocional, ou de conteúdo inverídico.

Art. 133 – Divulgar, fora do meio científico, processo de tratamento ou descoberta cujo valor ainda não esteja

[1] Doutora. Coordenadora do Curso de Jornalismo da UPF.

20-483_convergências.pmd 420 14/12/2009, 10:55

expressamente reconhecido com órgão competente" (Código de Ética Médica..., 2007) (1).

Esboçando um paralelo com o que prevê o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, iremos enfatizar apenas o Artigo 13 do III Capítulo, já que mencionamos acima a questão da pesquisa patrocinada:

"Art. 13 – O jornalista deve evitar a divulgação de fatos:
a) Com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas.
b) De caráter mórbido e contrários aos valores humanos" (Código de Ética dos Jornalistas..., 2006) (2).

Por outro lado, Epstein (2001) (4) nos remete ao fato de que "a interface entre as capacidades para a comunicação e os temas de saúde têm adquirido importância crescente". Ele aponta como causas dessa importância que vem sendo atribuída à comunicação da saúde, de um modo geral, a crescente necessidade do público de receber informação para melhor compreender os programas de saúde pública e conhecer as patologias que os afetam diretamente, além da possibilidade de atualização profissional para a classe médica.

Entretanto, se pensarmos que hoje o grande público se interessa cada vez mais pela informação científica trazida pelos periódicos e por diversos produtos editoriais que têm se preocupado exclusiva ou complementarmente com a divulgação da ciência e da medicina, então é hora também de qualificar sua cobertura, surgindo, então, a necessidade do comunicador, como promotor do interesse e da curiosidade, além de estimular a presença de programas de promoção da saúde pública e de prevenção de doenças coletivas na agenda midiática: "Cidadãos sadios, nutridos e felizes podem desencadear mecanismos de desenvolvimento capazes de sustentação autônoma, tornando factíveis, estáveis e duradouras as sociedades onde vivem" (MELO, 2001, p.18) (5).

Da mesma forma, muitas vezes nos parece preocupante a situação da saúde como um bem de acesso restrito àqueles que podem pagar pelos seus altos custos, o que nos lembra o ex-Ministro da Saúde José Serra (1999 p.39) (6), ao pontuar que:

> [...] os meios de prevenção e tratamento das doenças foram se tornando mais sofisticados e caros. Não apenas face aos frutos crescentes da tecnologia, mas também porque, no passado, existiam mais doenças sem possibilidade de tratamento e estas possibilidades foram sendo abertas ao longo do tempo.

A esse respeito, também encontramos um panorama muito esclarecedor, traçado pelo pesquisador boliviano Luis Ramiro Beltrán, conselheiro regional do Centro para Programas de Comunicação da Universidade Johns Hopkins, acerca das condições para a formação do campo da Comunicação da Saúde. O cenário apresentado por Beltrán (2001) (7) remonta à Europa do início do século XIX, entre 1820 e 1840, quando os médicos William Alison, escocês, e Louis René Villermé, francês, estabeleceram relações entre pobreza e enfermidade. Na experiência do médico francês, pôde-se comprovar que as duras condições de vida e de trabalho sob as quais viviam operários têxteis causavam a sua morte prematura. Nesses estudos estaria centrada, segundo Beltrán, a noção extremamente atual de *promoção* da saúde, na qual a comunicação se engaja como um instrumento indispensável. O conceito de saúde empregado então por esses médicos europeus desencadeou uma nova maneira de encará-la.

ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

Essa é uma Teoria que considera os "atributos" que são dados às notícias, com a intenção de mantê-las vivas na mente do leitor. Ela pode ser entendida como o processo de estruturação das notícias, no que se refere ao seu enfoque, no qual diversas características são enfatizadas durante o período de vida de determinado evento, ocupando-se de "como" este evento está sendo (ou foi) coberto pela mídia. "Framing Theory expande-se para além de 'o que' as pessoas falam ou pensam sobre alguma coisa para examinar 'como' elas pensam e falam" (Wicks, R, 2005, p. 339, tradução nossa) (8).

No que se refere às notícias de saúde, inúmeros estudos vêm sendo realizados com o intuito de examinar seu enquadramento ou *framing* (Lima J, Siegel M, 1999 (9); Menashe CL, Siegel M, 1998 (10); Meyerowitz BE, Chaiken S, 1987 (11)). Lima e Siegel, por exemplo, dedicaram sua pesquisa às notícias acerca do debate sobre o tabaco nos Estados Unidos, durante os anos de 1997-98, considerado o mais importante da história recente dos Estados Unidos.

Para esses autores, a influência da mídia no modo como o público reage a uma questão de saúde pública é um resultado do enquadramento (*framing*) dessa questão. "Um *frame* é um modo de embalar e posicionar uma questão até que ela conduza a um certo significado" (p.247, tradução nossa). Além disso, afirmam que o modo como uma questão de saúde pública é enquadrada afeta a opinião pública, influencia o comportamento individual e desempenha um papel central no processo de formação das políticas públicas (1999).

Esse estudo de Lima e Siegel tornou-se decisivo para demonstrar como questões de saúde podem sofrer diferentes interpretações, de acordo com a maneira como são estruturadas/enquadradas nas notícias da mídia. Vários estudos seguem essa mesma orientação, como se pode perceber nos trabalhos de Menashe CL, Siegel M, 1998; Meyerowitz Be, Chaiken, S, 1987; Kiene, SM, Barta, WD, Zelenski, JM, 2005 (12); Mann, T, Sherman, D, Updegraff, J, 2004 (13), entre outros.

20-483_convergências.pmd 421 14/12/2009, 10:55

A *Framing Theory* ou Análise de Enquadramento considera que nas notícias ocorre mais do que apenas "trazer" ao público certos tópicos. O modo pelo qual as notícias são apresentadas, o enquadramento (*frame*) delas, é também uma escolha feita pelos jornalistas.

Assim, um *frame* representa o modo como a mídia e os editores da mídia organizam e apresentam as questões que eles cobrem, e o modo como as audiências interpretam o que eles estão oferecendo.

Para Tuchmann (1978, p.1, tradução nossa) (14),

> Notícia é uma janela no mundo. [...] Mas, como nenhum outro enquadramento que delineia um mundo, o enquadramento das notícias pode ser considerado problemático. A visão através de uma janela depende se a janela é grande ou pequena, se tem muitas ou poucas vidraças, se o vidro é opaco ou claro, se a janela dá para a rua ou um quintal. [...]

A Análise de Enquadramento considera que, dependendo da estruturação e da argumentação que se impinge às notícias, colocando em relevância determinados atributos em detrimento de outros, haverá uma correspondência ao modo "como" defensores e oponentes de determinados fatos os lapidam e apresentam, tanto aos que fazem as leis, quanto aos líderes de opinião e ao público em geral e, em consequência, ao comportamento de cada indivíduo. Geralmente o enquadramento mais bem-sucedido é o que estrategicamente captura a opinião pública.

AGENDA SETTING

Para muitos estudiosos, a Análise de Enquadramento compartilha uma fundação comum com a teoria da Agenda Setting, já que ambas basicamente envolvem o mesmo processo. Nesse sentido, o primeiro nível da Agenda Setting é considerado como a transmissão da saliência de um objeto e o segundo nível é a saliência de seus atributos.

Segundo McCombs (1994), as notícias afetam o cotidiano, desde a maneira como nos vestimos para trabalhar, algumas vezes ao decidirmos o caminho que tomamos, o que planejamos fazer no fim de semana e até nossos sentimentos de bem-estar ou de insegurança, nossa atenção sobre o mundo e nossas preocupações são influenciadas pelas notícias. "Ocasionalmente", diz McCombs, "nosso total comportamento é instantânea e completamente ditado pelas notícias" (1994, p. 1, tradução nossa).

Nessa visão, não mais apenas o poder da mídia de persuadir os indivíduos vinha sendo considerado, mas sua capacidade de construir a imagem da realidade que os sujeitos vêm estruturando. A relação entre a ação dos meios de comunicação de massa e o conhecimento sobre a realidade social acaba por gerar uma nova cultura. Segundo McCombs,

> Parte deste novo olhar em comunicação de massa tem sido a descoberta de que a audiência não somente aprende alguns fatos pela exposição à mídia, mas que também aprende sobre a importância de tópicos nas notícias pela ênfase colocada neles pelas notícias da mídia. Considerável evidência tem demonstrado que jornalistas desempenham um papel-chave em contornar nossas imagens do mundo ao irem para suas tarefas diárias de selecionar e publicar as notícias. Aqui pode repousar o mais importante efeito da mídia de massa: sua habilidade de estruturar e organizar nosso mundo para nós (1994, p. 3, tradução nossa).

Para McCombs (1994), essa habilidade da mídia em estruturar as percepções da audiência e efetuar mudanças entre as percepções existentes tem sido classificada como a função de Agenda Setting da comunicação de massa. Seu conceito advém justamente da capacidade de transferir a ênfase de itens da agenda da mídia para a agenda do público. "Aqueles tópicos que recebem maior cobertura pela mídia provavelmente vão ser os tópicos que a audiência identifica como as mais urgentes, mais importantes questões do dia" (TUCHMAN, 1995, p. 2, tradução nossa). Em sua rotina profissional, jornalistas decidem quais fatos cobrir e quais fatos ignorar. Escolhas devem ser feitas, já que não há espaço suficiente nos jornais diários para imprimir todo o material disponível.

TEORIA DO APRENDIZADO SOCIAL

"A proposta da Teoria do Aprendizado Social é a explanação do comportamento humano em termos de uma contínua e recíproca interação entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais" (BANDURA, 1977, p.VII, tradução nossa) (18). Para seu autor, Albert Bandura, nem as pessoas estão totalmente condicionadas pelo seu meio, nem as forças do ambiente agem sobre as pessoas como se estas fossem desprovidas de poder. Na sua concepção, pessoas e ambientes determinam-se mutuamente um ao outro.

Na nova visão sobre o comportamento humano e suas reações, evidencia-se o conceito de "interação", que para a Teoria do Aprendizado Social (Bandura, 1977) é um processo no qual o comportamento, outros fatores pessoais e fatores ambientais interagem reciprocamente. São fatores independentes, mas que exercem influência uns sobre os outros. Além disso, determinantes internos também devem ser levados em conta no estudo do comportamento, já que o aprendizado e a cognição têm demonstrado grande eficácia para se aprender e reter um comportamento.

20-483_convergências.pmd 422 14/12/2009, 10:55

Na visão da Teoria do Aprendizado Social, pessoas nem são dirigidas por forças íntimas nem atacadas por estímulos de seu ambiente; ao contrário, há uma contínua interação recíproca entre determinantes pessoais e ambientais. A partir dessa suposição é que os processos vicários, simbólicos e autorregulatórios assumem um papel proeminente. Segundo Bandura (1977, p. 2-13, tradução nossa):

> A capacidade de aprender pela observação habilita as pessoas a adquirir largos, integrados padrões de comportamento sem terem que formá-los gradualmente através de tediosa experiência e erro. [...] A capacidade de usar símbolos supre os homens com um significativo poder de lidar com seu ambiente. Através de símbolos verbais e de imagens as pessoas processam e preservam experiências em formas representacionais que servem como guias para futuros comportamentos.

Para a Teoria do Aprendizado Social, as pessoas não nascem com repertórios de comportamento, mas devem aprendê-lo, tanto por experiência direta quanto por observação. O aprendizado de um comportamento pela experiência direta dos indivíduos se dá através dos efeitos positivos ou negativos de suas ações (Bandura, 1977). Por outro lado, aprender através de um modelo, ou seja, pela observação dos outros, pelo seu exemplo, tem sido o modo mais recorrente do aprendizado do comportamento humano.

Segundo Bandura (1977, p. 29, tradução nossa), "um modelo que repetidamente demonstra respostas desejadas, instrui outros a reproduzir seu comportamento". Este é um aspecto que também se pretende analisar no presente estudo: se no conteúdo jornalístico sobre o câncer há esta proposição de aprendizado através de modelos de saúde.

RECREATIONAL PHYSICAL ACTIVITY AND THE RISK OF BREAST CANCER IN POSTMENOPAUSAL WOMAN E BUT WILL IT STOP CANCER?

Os artigos acima citados, *Recreational Physical Activity and the risk of Breast Cancer in Postmenopausal Woman* (21) (*Atividade física recreacional e o risco de câncer de mama em mulheres na pós-menopausa*) – extraído da revista científica *JAMA*, da *American Medical Association,* publicada em setembro de 2003 e – *But Will it Stop Cancer?* (22) (*Isto irá evitar o câncer?*) – da edição do dia 1º de novembro de 2005 do jornal *The New York Times* – compõem nosso material de análise e passam agora a ser examinados sob o referencial de teorias citadas anteriormente.

Para atender a proposta de evidenciar "o que" é dito nas revistas científicas, ou quais conteúdos ganham mais espaço e importância, como prevê a teoria da Agenda Setting, foi utilizado neste estudo uma busca através da base de dados *PubMed*. O artigo científico extraído da revista científica JAMA (*The Journal of the American Medical Association* –, publicação da maior associação médica norte-americana desde 1883, uma revista científica da área médica, com 48 edições anuais) apresenta-se como exemplo de comunicação primária. Nessa revista, de acordo com dados da *PubMed*, no período de tempo recortado de 2 anos, 291 artigos trataram de cânceres em geral, enquanto 78 trataram de câncer de mama especificamente (26,80%).

Se o câncer de mama apareceu em mais de um quarto de todas as pesquisas médicas publicadas por JAMA em dois anos, o que reafirma a recorrência dessa doença como questão de saúde pública e na pesquisa médica. Sua Agenda Setting foi também verificada no jornal diário *The New York Times*, através de busca na base de dados *Lexis Nexis*, e que indica que, novamente em dois anos, 642 artigos versaram sobre câncer, enquanto 420 preocuparam-se com o câncer de mama (65,42%), como exibe o gráfico a seguir. O que demonstra a ampla preocupação com esse tema na mídia diária norte-americana, possivelmente justificada pela grande incidência da doença e também pelo número de mortes que ainda ocorrem devido à mesma.

Buscando uma complementação com a teoria da Agenda Setting, que verifica "o que" aparece na superfície dos textos que compõem nosso material de análise, iremos agora nos deter em "como" esses mesmos temas são alimentados, quais os principais enquadramentos que os fazem atraentes e vívidos aos leitores, servindo-nos da Análise de Enquadramento, através da qual construímos um esquema interpretativo, começando pelos padrões de enfoque dominantes segundo a Teoria do Aprendizado Social, de Albert Bandura.

Assim, tem-se como enquadramento ou *framing* de grande visibilidade no artigo extraído de *JAMA* a valorização da autoeficácia, uma das categorias mais amplamente difundidas e conhecidas da teoria de Bandura, definida como a habilidade percebida para exercer controle pessoal. Ao longo do artigo *Atividades físicas de lazer e o risco de câncer de mama em mulheres em pós-menopausa,* há uma defesa constante, comprovada cientificamente, de que exercícios físicos podem diminuir o risco de câncer de mama. Nesse caso, o conceito de autoeficácia aparece como um estímulo ao leitor para abandonar o sedentarismo.

Exemplos de como esse *framing* é prevalente aparecem nos trechos:

> – Mulheres que se engajaram em exercícios regulares demonstraram ter um risco reduzido de câncer de mama. Não está claro se atividade física depois da menopausa reduz o risco de câncer de mama ou se uma longa vida de atividade física é requerida. A intensidade e quantidade de exercícios necessários para reduzir o risco de câncer são

20-483_convergências.pmd 423 14/12/2009, 10:55

> desconhecidos; ainda alguns estudos sugerem que atividade extenuante é necessária para redução de risco. É importante determinar se a atividade física moderada mais tarde na vida pode reduzir o risco de câncer de mama, uma vez que isto pode ser realizado pela maioria das mulheres (p.1331, tradução nossa).
>
> Esses dados de uma ampla prospectiva de grupo de mulheres pós-menopausa dos EUA apoiam um papel protetor da atividade física contra o câncer de mama, particularmente de atividades físicas passadas (árdua/extenuante) em idades entre 35 e 50 anos, e atual aumento da atividade física. As maiores associações foram observadas para as mulheres de mais baixo peso, embora mulheres com moderado excesso de peso também tiveram benefício pelo aumento da atividade física total (p.1335, tradução nossa).

A Teoria do Aprendizado Social considera como um conceito fundamental *modelos*. Segundo o que prevê essa teoria, quando um exemplo proeminente aparece para um determinado público como aquele que introduz um novo comportamento, este provavelmente passará a ser seguido por uma determinada audiência.

O artigo que estamos analisando, extraído do *The New York Times,* dá visibilidade ao personagem da Sra. Bernyce Edwards, de 73 anos, destacando-a ao longo do texto e numa fotografia ampliada, na qual ela aparece correndo ao redor de um lago, seguindo a prescrição de que exercícios funcionam como protetores ao câncer de mama. Proveniente de uma família cujo histórico é bastante dramático em relação ao câncer de mama (sua filha de 42 anos morreu apenas 69 dias após a doença ter sido diagnosticada), a Sra. Edwards agora quer se prevenir e, pelo modo como o *Times* (2005) ressaltou sua experiência e sua adesão aos exercícios, mesmo em idade tardia, sua figura acabou ganhando proeminência e funcionando como modelo da inovação médica para uma audiência muito mais abrangente.

Como Bandura (1977) enfatiza, os seguidores mais precoces dos novos modelos são os mais expostos às mensagens da mídia e, adotando uma inovação através da cópia de um modelo, através da observação de seus benefícios, aceleram a sua difusão e atenuam obstáculos dos potenciais seguidores mais cautelosos. Assim como a Sra. Edwards, modelo selecionado pela reportagem, deposita fé nos estudos da Dra. McTiernan, os *benefícios* trazidos pelos estudos médicos são fundamentais na adoção ou rejeição das inovações, e aparecem como enquadramentos nos exemplos:

> Diversos mecanismos têm sido propostos para explicar a associação entre aumento da atividade física e risco reduzido de câncer de mama. Para exercício nos anos pós-menopausa, o mecanismo mais provável é a redução de gordura no corpo, levando a reduzir substância para produção de estrogênio do androgênio em tecido de gordura através de aromatização. Atividade física também poderia aumentar os níveis do hormônio sexual aderindo glóbulos, por causa da redução do estradiol no estado livre biologicamente ativo. Outro mecanismo em potencial é, através do exercício, a redução de insulina e outros fatores de crescimento. Outra análise desses dados mostrou que o aumento da adiposidade está associado com aumento do risco de câncer de mama, embora o efeito fosse limitado para mulheres que nunca tinham usado terapia hormonal (McTIERNAN et al., 2003, p.1335, tradução nossa).
>
> O efeito do exercício é provavelmente pequeno, mas para dois tipos comuns, mama e cólon, os estudos são promissores (Kolata, 2005, p.D6, tradução nossa).

A *mudança de comportamento*, categoria enfatizada por Bandura (1977), quando encontramos nos sujeitos com disposição para adotar comportamentos saudáveis, seja pela observação direta de um indivíduo em seu ambiente ou pela exposição às mensagens da mídia, vem sendo amplamente utilizada em estudos no campo da comunicação da saúde, em direção à promoção e prevenção da saúde: os indivíduos mudam de um comportamento considerado de risco para um saudável.

Assim como o modelo da Sra. Edwards, personagem apresentada pela reportagem do *New York Times*, de quem adotou um comportamento saudável, ao longo dos textos, outros benefícios nesse sentido aparecem como enquadramento e induzem o leitor a fazer o mesmo:

> Os resultados deste estudo sugerem que inatividade física pode ser um fator de risco modificável para aquelas mulheres pós-menopausa que podem alterar a redução do risco de câncer de mama. A descoberta que aumentou o total de atividade física de lazer e caminhada reduz este risco é promissora, no entanto pode não ser necessário que mulheres se engajem em atividades extenuantes em idades mais avançadas para aproveitar o efeito preventivo do exercício (McTIERNAN et al, 2003, p.1335, tradução nossa).
>
> Então, para se proteger, ela tem feito exercícios. E não apenas qualquer exercício. Esta mulher de 73 anos de idade tem voltado ao exercício zelosamente. Ela caminha, ela corre, ela deixa sua casa em Bellingham, Wash., tão cedo como 5 da manhã e gasta uma hora cada dia, chuva ou sol, correndo milhas ao redor de um lago (KOLATA, 2005, p.D1, tradução nossa).
>
> Há, entretanto, um problema: médicos dizem que é difícil persuadir a maioria dos pacientes a se exercitar e muitos nem mesmo tentam (KOLATA, 2005, p.D6, tradução nossa).

Indivíduos nem sempre aceitam a adoção de um novo comportamento, entretanto, como está indicado no texto

20-483_convergências.pmd 424 14/12/2009, 10:55

acima. A adoção de um novo comportamento depende de muitos fatores, entre eles a instrução e a percepção das habilidades individuais. No exemplar de comunicação secundária, é possível verificar o embate entre adoção e rejeição pelo exemplo do Dr. John Min, que afirma amar exercícios e inclusive correr em maratonas, mas muitas vezes não consegue persuadir seus pacientes de quanto eles são importantes na prevenção de cânceres:

> "Infelizmente, fazer os pacientes, mesmo aqueles que estão muito interessados, a começarem a se exercitar é muito difícil". ele diz. Ele disse que ele tem tentado, e pacientes têm deixado seu consultório parecendo excitados sobre mudar sua vida. Mas eles logo retornam para seus modos sedentários. "Isto é infelizmente o que eu tenho me dado conta". Dr Min disse. "A habilidade para alguém mudar significantemente seu estilo de vida que eles mantêm por anos, é extremamente difícil, e menos importante para eles. Eu não posso tornar isso pessoalmente importante para eles em uma visita ao consultório" (KOLATA, 2005, p.D6, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a proposta de reforçar a ideia de que médicos e jornalistas precisam compreender melhor o funcionamento do mundo de um e de outro, sem a qual a comunicação continuará estanque em relação à saúde e vice-versa. Se as duas disciplinas vêm se aproximando teoricamente e hoje já constituem um campo de estudos denso, no dia a dia essa aproximação desmerece o refinamento teórico-metodológico que hoje ampara a comunicação da saúde.

No momento em que o médico se nega a simplificar seu jargão ao ser entrevistado pelo jornalista, a comunicação da saúde para no tempo; no momento em que o jornalista desrespeita o tempo normal da pesquisa e noticia prematuramente um fato da Ciência, a comunicação da saúde é ferida em sua brilhante trajetória; no momento em que os governos desperdiçam recursos em campanhas comunicacionais que desconsideram as crenças culturais dos povos, a comunicação da saúde é desconsiderada; no momento em que o corporativismo dos grandes laboratórios sobrepõem-se aos interesses da população, a comunicação da saúde é antiética; no momento em que campanhas de saúde induzem à mudança de comportamento e despreocupam-se com a manutenção do mesmo, a comunicação da saúde é desconhecida; no momento em que mensagens da mídia apresentam modelos de comportamentos saudáveis que poderão ser imitados, a somunicação da saúde é acolhida e valorizada; no momento em que as habilidades dos sujeitos são despertadas para prevenir a doença e promover a saúde, a comunicação da saúde é compreendida; no momento em que os indivíduos ganham poder cognitivo para adquirir e adotar novos comportamentos, a comunicação da saúde é eficaz. E assim por diante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Código de ética médica. Disponível em: <http://www.medstudents.com.br/servico/codetica.htm>. Acesso em: 12 jan.2007.
2. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br /Leis/Codigo_de_Etica.htm >. Acesso em: 03 abr.2006.
3. Bueno, Wilson da Costa. Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira. São Paulo: Plêiade; Amparo: Unimed/Amparo, 1996.
4. Epstein I. et al. (org) Mídia e Saúde. Introdução. São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
5. Melo, José Marques de et al. Mídia e Saúde. Adamantina/SP: UMESP/UNESCO/FAI, 2001.
6. Serra, José. A questão da saúde no Brasil. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 13 v, n.35, jan.-abr. 1999.
7. Beltrán, Luis Ramiro. La importancia de la comunicación en la promoción de la salud. In: Midia e Saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
8. Wicks, Robert H. Message Framing and Constructing Meaning: An Emerging Paradigm in Mass Communication Research. In: Communication Yearbook No. 29, Mahwah, New Jersey, London, 2005.
9. Lima J, Siegel M. The tobacco settlement: an analysis of newspapers coverage of a national policy debate, 1997-98. In: Tobacco Control, 8 v; 247-253, 1999.
10. Menashe CL, Siegel M. The power of a frame: an analysis of newspaper coverage of tobacco issues. United States, 1985-1996. In: Journal of Health Communication; 3: 307-25, Taylor & Francis Group, 1998.
11. Meyerowitz BE, Chaiken S. The effect of message framing on breast self -examination attitudes, intentions, and behavior. In: Journal of Personality and Social Psychology, 52:500-10, 1987.
12. Kiene SM, Barta WD, Zelenski JM. Why are you bringing up condoms now ? The effect of message content on framing effects of condom use messages. In: Health Psychology, 24 v, n.3, 321-326, 2005.
13. Mann T, Sherman D, Updegraff J. Dispositional motivations and message framing: a test of the congruency hypothesis in college students. In: Health Psychology, 23 v, n.3, 330-334, 2004.
14. Tuchman Gaye. Making News. A Study in the Construction of the Reality. New York: The Free Press; London: Collier Macmillan Publishers, 1978.
15. McCombs, Maxwell. News influence on our pictures of the world. In: Media Effects: advances in theory and research. USA: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey, Hove, UK, 1994.
16. Wolf, Mauro. Teorias da Comunicação de Massa. Lisboa: Editorial Presença, 4.ed., 1995.
17. Bandura, Albert. Social Learning Theory. New Jersey: PRENTICE-HALL, INC. Englewood Cliffs, 1977.
18. Rimal, Rajiv N. et al. Moving Toward a Theory of Normative Influences: How Perceived Benefits and Similarity Moderate the Impact os Descriptive Norms on Behaviors. In: Journal of Health Communication 10:433-450, Routledge Taylor & Francis Group, 2005.
19. Egbert N, Parrott R. Self-Efficacy and Rural Women´s Performance of Breast and Cervical Cancer Detection Practices. In: Journal of Health Communication 6: 219-233, Routledge Taylor & Francis Group, 2001.

20-483_convergências.pmd 425 14/12/2009, 10:55

20. Vaughan P. et al. Entertainment-Education and HIV/AIDS Prevention: A Field Experiment in Tanzania. In: Journal of Health Communication 5:81-100, Routledge Taylor & Francis Group, 2000.
21. Mctiernan, Anne. Recreational physical activity and the risk of breast cancer in postmenopausal women. In: JAMA, September 10, 2003. 290 v. n.10.
22. Kolata, Gina. But will it stop cancer? In: The New York Times. Tuesday, November 1, 2005.

✉ Endereço para correspondência:
Sônia Regina Schena Bertol
Rua Thomaz Gonzaga, 470
99020-170 – Passo Fundo, RS – Brasil
☎ (54) 3316-8183
sobertol@upf.br

Recebido: 10/8/2009 – Aprovado: 28/10/2009

20-483_convergências.pmd 426 14/12/2009, 10:55